

Ontem, a psicóloga **Marta Gautier** lançou o sexto livro, baseado na peça que escreveu há dois anos e que tem lotação esgotada desde que subiu à cena. Mas a estreia no palco e na comédia serviram-lhe sobretudo de aprendizagem interior, que Marta está a pôr em prática

Aos 36 anos, com o sexto livro nas livrarias e a peça “Vamos Lá Então Perceber as Mulheres... Mas Só Um Bocadinho” esgotada há dois anos, a psicóloga clínica assegura que tem “muito tempo livre” e que a irritam imenso as pessoas que dizem não ter tempo. “O truque é cingir a vida ao mínimo possível”, afirma.

Ontem, lançou o livro “Vamos Lá Então Perceber as Mulheres... Mas Só Um Bocadinho”, com base na peça homónima que está em cena desde novembro de 2011. É um monólogo cómico, de duas horas, escrito por si. De onde veio esta vontade de representar?

Era uma vontade antiga, que correspondia a algo que sentia que conseguiria fazer bem: comédia. Já tinha essa faceta em mim, mas resisti durante algum tempo, porque não era costume ver uma psicóloga a fazer stand-up comedy. A certa altura decidi fazer um curso de comédia de um mês e comecei a escrever textos de dez minutos, para atuar em bares. Apesar de ser muito tímida, há algo que se agiganta em mim quando represento. Em nove meses escrevi o guião de 40 páginas que deu origem à peça.

Como explica tanto sucesso numa estreia absoluta em comédia?

A peça esgotou desde a segunda exibição. Tenho espectadores que vão vê-la duas e três vezes. Uma espectadora já a foi ver sete vezes. As pessoas vão para rirem à vontade de coisas que habitualmente as envergonham. E percebem que aquilo que achavam que só lhes acontecia a elas afinal acontece a toda a gente.

Em que se inspirou para a escrever?

Na minha observação, que é algo que me caracteriza desde sempre, na minha prática clínica de 13 anos, no meu próprio casamento...

A partir de que idade soube que queria ser psicóloga?

“DIZER QUE NÃO SE TEM TEMPO É UMA DÊSCULPA PARA NÃO VIVER”

Aos 10 anos já sabia. Era uma convicção profunda. Tive uma infância e uma adolescência conturbadas, ambos os meus pais tiveram vários divórcios, e isso levou-me, muito cedo, a estar atenta, para tentar prever, antecipar e até evitar certos comportamentos. Cresci a achar que o normal era as pessoas casarem-se e divorciarem-se. **Como consegue ter tempo para todas as suas atividades? Dá consultas, escreve livros, tem uma peça em cena duas noites por semana, tem três filhos...**

Tenho imenso tempo livre. Enervam-me as pessoas que dizem que não têm tempo. É uma desculpa que usam para não viver. As pessoas têm é imenso medo de se confrontarem consigo próprias, e então fogem disso. Eu dou consulta uma vez por semana. Tenho peça duas noites por semana, às segundas, no Cinema São Jorge, em Lisboa, e às quartas, em Cascais, no Teatro Confluência. Escrevo livros durante o dia, quando os miúdos estão na escola. E agora, que por casualidade até estou sem empregada, estou a descobrir o trabalho doméstico. Tomo conta da casa, cozinho. Descobri o ritmo da casa, as refeições. Isso até nos uniu mais, como família. No Ocidente, o trabalho doméstico é visto como algo menor, mas a mim ajuda-me, até em termos espirituais. Até a lavar janelas. É tempo que não se dedica a neuroses. E também é bom para a minha humildade. Quanto mais me desligar do ego, melhor aguento a pressão.

É uma pessoa muito espiritual?

Tenho muita fé e estou a aprender a ser espiritual.

Que truques é que usa para ter mais tempo?

Há um mês que estou a fazer uma experiência: só vejo e-mails de manhã e só ligo o telefone à noite. O meu marido tem um número só para ele, em caso de emergência ou de acidente. De outro modo, não há urgência nenhuma que não aguente 12 horas. Vou tentar prolongar isto, porque não gosto de estar no sistema. Estou a tentar criar o meu próprio *modus vivendi*.

Os seus filhos são todos rapazes.

Como é viver entre homens?

É aprender a ser mais prática. Para eles, está sempre tudo bem. Se não houver champô em casa, ninguém me chateia.

O seu marido já foi ver a peça?

Já foi mais de 20 vezes. Revê-se em algumas coisas, mas ainda me diz: “Relaxa, querida...”

O que lhe ensinam os seus filhos?

Há muito a cultura de que os pais têm de ensinar muita coisa aos filhos, mas acho que tenho mais a aprender com eles estando calada. E tentar (re)aprender a inocência, o entusiasmo, a forma que eles têm de olhar o mundo.

O que aprendeu com o palco?

Quando se chega ao ponto em que se tem sucesso, reconhecimento, dinheiro, que é o que todos perseguem, compreende-se que não é isso que preenche o vazio que todos temos. Continuam a ser as pequenas coisas: aprender a ser amado e a amar. Acontece outra coisa gira em palco: fico tão forte que consigo elevar as pessoas comigo nesse espírito. Será uma experiência a repetir. ● KATYA DELIMBEUF

MODUS VIVENDI
“NO OCIDENTE,
O TRABALHO
DOMÉSTICO É VISTO
COMO ALGO MENOR.
MAS A MIM AJUDA-
-ME, É TEMPO QUE
NÃO SE DEDICA ÀS
NEUROSES”

